

SCHMIDT, Moema Belloni - "Um dia de CAPS"

"Um dia de CAPS"

Por Moema Belloni Schmidt

Era uma segunda-feira nublada ameaçando chuva, mas como trabalho há mais de oitenta quilômetros de onde moro nunca consigo prever minimamente o que vou encontrar num bairro longínquo de nome estranho que significa em tupi-guarani *alto campo ruim*. O local chama-se Inhoaíba (ao primeiro contato com a palavra é aconselhável repetir pausadamente em voz alta para pegar o espírito da coisa). Ao contrário da zona central do Rio de Janeiro, em Inhoaíba havia um sol radiante.

Após a viagem pela Avenida Brasil num ônibus expresso chego no centro de Campo Grande, bairro vizinho. Para chegar ao trabalho em Inhoaíba pego um táxi, se não o atraso é demasiado. Um trecho de dez minutos e avistamos o portão azul do CAPS.

Entrando, nós já estamos um pouco abaixo do resto dos mortais da região, pois o terreno tem um declive que inclusive faz com que tudo fique alagado quando a chuva é forte. A vista é bonita. O jardim floresce e há vários pacientes esperando, já em conversas mais ou menos animadas na varanda em forma de "U" da grande casa. O teor de mais ou menos das conversas varia bastante, indo desde um sujeito completamente imóvel que nem chora mais até um animadíssimo personagem que simplesmente não pára de falar e andar e fazer e continuar sem parar. São extremos do humano que aparecem por lá e dizem que somos as pessoas indicadas para conversar com eles. Tudo bem. Aceitada a incumbência, vamos ao trabalho.

Segunda-feira é dia da oficina mais antiga do CAPS: Arte e Jardinagem. Começamos fazendo algo com as únicas coisas que se tinha no início: algumas pessoas e um jardim. Hoje tem muita gente participando, muitas pessoas interessantes e já temos materiais diversos - mas que nunca ultrapassam as pessoas e o jardim. É um grupo, que não é grupo, que recebe todo mundo, não importa idade, capacidade, tamanho ou expressão de sofrimento. É definitivamente um espaço aberto às pessoas onde a única direção é aceitar a diferença e descobrir o que pode ser feito com tantas diferenças num jardim entre tantas pessoas diferentes.

São muitos pacientes e dois coordenadores, eu e meu colega de trabalho, com participações especiais de outros técnicos que eventualmente nos visitam, seja por curiosidade, seja para fazer estágios curriculares e extra-curriculares, seja para nos dar uma mão, quando nós dois, também pessoas diferentes, precisamos de algum apoio. Enfim, é um grupo que não é grupo que envolve uma série de pessoas e de modos de fazer que vão variando ao longo do percurso de maneira a seguir o que essas pessoas vão nos indicando. Fomos para roda inicial de conversa, nós um pouco atrasados, mas eles com tudo em dia. Já tinham posto as cadeiras em roda, ao lado da piscina, alguns conversavam entre si, todos nos esperando calmamente. No papo inicial: comemoração de dia dos pais, alguns pais que não existem, fim de semana, uma pedra colocada, com luvas de motoqueiro o remédio não faz dormir, como fazer para se livrar da morte, sementes novas, com o fone de ouvido ligado em Jesus as vozes vão embora, as sementes são as mulheres que germinam, algumas palmas retardadas, quero mesmo é morrer, um abacateiro trazido por uma em nome da outra, remédio pra angústia é enxada. Mãos à obra!

Hoje temos vários instrumentos, pás, machado, pequenos utensílios de uma jardinagem delicada, mangueira (ou borracha para os íntimos) e até um poético regador azul. Além de cuidados com o jardim e diversas mudas de plantas, hoje estamos fazendo uma horta, com vários legumes e verduras.

Entre o campo de futebol e a casa fica a horta. Ao longo do trabalho muitos sentam à sombra (afinal, sol da manhã em Inhoaíba não é para qualquer um não!), outros põem a mão na massa, digo na terra. De tudo que foi semeado, a alface e a couve foram as primeiras a dar o ar de sua graça, seguidas do coentro que parece ser o tempero preferido de nossa clientela que fala em pratos da maravilhosa culinária brasileira enquanto cutucam o terreno (só abrindo o apetite). Hoje há mudança de pequenos pés de alface já em tempo de serem transplantados (não se fala "transplantar mudas" nesta oficina, os pacientes não gostam da palavra, lembra transplante de órgãos e para alguns algo que se transplanta na ou da cabeça... preferem a expressão "mudar as plantas"). Um se ocupa de semear quiabos em pequenos buracos em torno de um toco de tronco de mangueira que fica no meio da nossa horta e já foi tema de uma série de discussões.

Uns queriam arrancar o tronco e se dedicaram à empreitada durante dias seguidos, sem sucesso, dada a profundidade das raízes e a precariedade de nossos instrumentos. Outros afirmavam que com aquele tronco ali seria impossível realizar a horta, teríamos de nos mudar para a parte da frente do terreno. Ao final de longos dias e tentativas de resolução do problema, o toco foi aceito como algo do lugar e que, afinal, poderia até servir: de apoio de materiais, dando vida a uma orquídea que enfeitaria a horta... O que era um problema a ser eliminado se transformou em algo inerente ao espaço e aproveitado de maneira útil e que exalaria beleza quando do florescer da orquídea.

Aquele que semeava quiabo em buracos feitos em torno do toco de tronco, ia aos poucos convocando seus colegas a também se incluírem na tarefa de colocar as sementes em seus lugares. Três sementes em cada buraco. Muitas mãos tocando as delicadas pecinhas arredondadas. Nem muito fundo nem muito superficial, lembrava ele. Nem muito firme nem muito solto. Indicações muito importantes!

A paciente que nunca participara de nada coletivo em nenhum serviço de saúde porque não suporta e também porque ninguém a suporta, com seu habitual grito e o cuspir da dentadura superior ao afirmar sua intensa dor no coração passando carinhosamente a mão no seio esquerdo, acaba participando da oficina, enquanto seu marido fortemente trabalha com a enxada. Ela que só batia, tem chamado as pessoas pelo nome, tem suportado que seguramos suas mãos, impedindo-a de agredir os outros, e tem ficado razoavelmente atenta às

nossas palavras de que aqui não se bate. De suas idas ao CAPS para buscar a medicação indo embora o mais rápido possível na garupa da moto, sempre acertando a mão em alguém na entrada ou na saída, ela passa a experimentar um novo contexto, onde ela pode expressar sua dor da sua maneira, mas não pode passar essa dor para os outros, como lhe foi dito claramente. Ela diz que a dor é de amor. Nós queremos saber mais do que ela tem a dizer.

Muito sol na cabeça, muitas pessoas diferentes falando coisas, e assuntos, diferentes ao mesmo tempo, eu quase não me equilibro numa ponte de gangorra que passeia suspensa pela nossa horta, no que um paciente me dá a mão; e meu colega de trabalho, aquele que coordena a oficina comigo, lá pelas tantas sugere regar a água, no que um paciente indica que o doutor está precisando de remédio, no que rimos todos juntos.

Um dos diferentes é magro, negro, alto, não fala. O prontuário relatava uma história com pouca história: quase a vida toda internado, várias clínicas diferentes, períodos na rua, os pais faleceram... A irmã mais nova, que agora o acolhe, não sabe dizer muito sobre ele, praticamente não se conheciam! Esta irmã mais nova, de uma família de nove irmãos, neste ano acolheu em sua casa duas irmãs e um irmão (nosso paciente que não fala) após o programa federal De Volta pra Casa. Cada um deles tem sua bolsa, o que permitiu que a irmã caçula reformasse seu barraco na favela do barbante para receber os três irmãos "psiquiátricos" (como ela diz) e que tenha condições de "olhar eles" (também como ela diz). Os três se tratam no CAPS Gentileza, fazem atividades diferentes. Para a Jardinagem vem aquele que não fala.

No seu primeiro dia de oficina ele vem para o grupo trazido pelo olhar da irmã cuidadora. Eles não se tocam. Nosso amigo não descruza os braços. Enquanto todos sentam nas cadeiras formando a roda de conversa, ele senta no chão atrás da roda. O convite de sentar não é aceito e ele vai embora. Retorna esporadicamente, sempre arrastado pelo olhar da irmã. Nestas vindas, sempre senta no chão, mas agora fica um tempo. Eventualmente aceita nossos convites itinerantes pelo terreno, sempre anda e senta no chão, não tão distante de onde o grupo trabalha no jardim. Um dia aceitou a mangueira e regou uma roseira. Um dia sentou na cadeira, na roda de conversa. Ele não fala. Na mudança de mudas de couve e alface, ele pega da minha mão uma pequena planta e leva para o outro canteiro. Com sua delicadeza magra e gestos agora mais largos, ele coloca a planta em seu local definitivo, cobre a pequena raiz com terra e volta a se sentar. Neste dia, no atendimento da tarde comigo, a psiquiatra e sua irmã, ele diz "eu plantei couve". Ele fala! Olha pra mim com seus olhos grandes e diz "eu não gosto de jardim, mas vou plantar couve".

Enquanto estamos na oficina, embaixo do sol já forte, o paciente, que trabalha no serviço, com sua bolsa-usuário fornecida pelo IFB, vem me chamar: é do Nise, vou atender. Ao telefone, sou informada pela assistente social que temos uma audiência no Ministério Público na próxima semana, para tratar do caso do nosso paciente que está internado. Tudo combinado. Desligo. Volto ao jardim. Fico olhando o grupo trabalhar e conversar e plantar. Meu pensamento está em uma quarta-feira de seis meses atrás, quando eu internei o paciente que está no Nise.

Ele já passou dos quarenta anos, sua voz é fina como o quê, ele me disse uma vez que é porque ele ainda não fez treze anos, ele havia morrido e sua mãe o pariu de novo em Campo Grande. Sua história é repleta de dados, muitos detalhes colhidos com ele de maneira delirante, com sua mãe também de maneira delirante e com sua recém encontrada ex-mulher, por quem foi curatelado há mais de dez anos e com quem teve duas filhas, de nomes indígenas. Tiveram um filho também: Miguel Ângelo, morre ao nascer e deixa um vazio que ressuscita várias vezes na fala de meu paciente. Quando conhecemos este homem que não fez treze anos, ele morava com a mãe num bairro de classe média.

A casa, sua morada, é uma galeria com suas construções feitas de tocos de madeira, arames contorcidos, barbantes de diferentes espessuras e pedras, muitas pedras. Pedras também em todos os buracos do seu corpo, em todos os buracos encontrados pela rua. Pedras que seus dedos ágeis vão mudando de lugar no corpo, enquanto ele fala. Pedras das mãos que vão para a boca, depois para a árvore e chegam ao ouvido. Pedras de muitos tamanhos, formas e cores. Algumas têm nomes. Outras não. Algumas trocam de nomes. Algumas são descartáveis e outras não. Ele veste uma roupa específica, com arames esculpidos em volta do corpo. Carrega na mão esquerda, que é vestida com uma luva, uma peça curiosa, feita de toco e pedras bem encaixadas nos visgos da madeira. Na cabeça uma coroa feita com tecidos entrelaçados por seu próprio cabelo crescido ao longo dos anos.

Cuidávamos dele através de visitas. Nestas ocasiões, em geral caminhávamos pelas ruas, parávamos na praça em frente a sua morada e ao "castelo alemão". Às vezes éramos convidados a entrar em seu quarto, repleto de peças estranhas e delicadamente equilibradas, as paredes desenhadas do chão ao teto (inclusive), nenhum taco do piso no lugar, alguns gatos circulando, sem água, sem luz. Sua mãe chegou a ir ao CAPS uma vez, tendo sido medicada. Numa das visitas ela me informa que doou os remédios para pessoas que precisavam mais do que ela. Continuamos a visitá-los. Um dia ele vai à venda onde compravam a alimentação básica de mãe e filho (pão, salsicha em lata e guaraná Convenção) e diz para a dona que sua mãe não quer acordar. A mãe havia morrido há dois dias. Teve um ataque do coração em seu aposento deitada em seu leito de palha. Fica só o filho. Continuamos as visitas.

Um dia, ao chegar, sangue no chão, ele andando torto nos diz que não é nada, já passou. Um corte aparentemente profundo na sola do pé exige de nós que pensemos em outro tipo de visita. Era uma segunda-feira pela manhã. Colocamos o hospital de referência da área, com sua equipe de saúde mental, de prontidão caso chegassemos com ele por lá. Como levar? A equipe do SAMU chega à sua morada, mas ele não quer deixar a médica encostar no seu pé e ela nos diz, assustada, que se nós o sedarmos ela faz o que tem que ser feito no pé. Nós não queremos sedá-lo. A poça de sangue não pára de aumentar. Já à tarde, depois de discussões infundáveis na equipe sobre o que era permitido aos médicos e enfermeiros de um serviço de saúde do tipo CAPS a partir de seus referidos conselhos profissionais, um médico aceita ir lá aplicar uma anti-tetânica e fazer um curativo. Pegamos todo o material necessário num posto de saúde, colocamos num pequeno isopor

e fomos para a sua morada. Ele não aceita que ninguém toque seu pé. Deitado no chão do seu quarto, já irritado com nossa excessiva presença naquele dia, nos pede para ir embora. Na terça-feira outra parte da equipe se ocupa do caso, tentando dar um encaminhamento razoável. Na quarta-feira, não tem mais jeito. O pé inchado, o sangue já não corre. A dúvida perde o lugar para o risco. Acabamos decidindo que vai ter de ser na marra mesmo. Com a ajuda de bombeiros cuidadosos, realizamos a intervenção/internação.

Há seis meses atrás.

Hoje, eu fico olhando o grupo no jardim e não tenho mais segurança sobre aquela conduta. E se tivéssemos arriscado? Ele estaria em sua morada, quiçá na oficina. A situação legal do paciente é complicada: curatela abandonada, uma casa sem luz nem água, nenhum familiar, uma série de bens de um passado de riqueza nas mãos de pessoas desconhecidas... Duas equipes de saúde mental trabalhando no caso. Ambas aprisionadas pelo tempo da justiça brasileira.

Lembro do barulho de seus ornamentos caindo um a um no chão enquanto os bombeiros o continham. Despindo-o. Volto ao jardim. Uma mulher bem elétrica quer que o canteiro inteiro esteja semeado, de várias coisas diferentes, sem dar atenção ao homem que lhe diz não adiantar semear várias coisas sem ter lugar suficiente para colocá-las depois.

Enquanto várias pessoas dão sua opinião sobre o que deve ou não ser semeado e se inicia um processo de negociação entre eles, aparece Catarina, dizendo que seu marido quer vir tocar na nossa festa junina (já atrasada). Temos que acertar o som. Como na festa do ano passado, ele virá com o amigo de seu grupo de forró. Ele é o vocalista e o amigo comanda o teclado. Nosso administrador trará a caixa de som e o microfone. Está combinada a música da festa. Ela aproveita para marcar um atendimento comigo. Tendo chegado em crise ao serviço há dois anos, hoje ela só usa medicação eventual para dormir, os atendimentos psicológicos foram espaçados gradualmente. Ela começou a trabalhar em uma cooperativa de mulheres bordadeiras em seu bairro e de vez em quando vem conversar comigo.

O trabalho na horta termina e o grupo, que não é grupo, decide ir para o jardim da frente da casa, onde usualmente cuidamos de algumas flores e regamos árvores frutíferas que foram plantadas ao longo da existência da atividade.

A oficina de jardinagem termina no formato em que começa: uma roda de conversa. Dentre falas que muitas vezes se sobrepõem aparecem projetos para as próximas segundas-feiras e algumas divisões de tarefas para o cuidado com a horta ao longo da semana. No meio da roda, como de costume, está um arranjo de flores, em cima de um caixote de madeira pintado em outra época. No vaso de vidro estão diferentes flores que foram colhidas ao longo dos trabalhos no jardim. Em geral, são as mulheres que realizam este ornamento. Em geral, quase todos chegam o rosto bem próximo ao vidro para sentir o perfume que exala. Até a próxima vez.

Enquanto almoçamos, gritos de uma mulher ao longe seguidos por uma voz masculina "Jesus está comigo, eu estou com Jesus..." Nos entreolhamos e percebemos que a maior parte da equipe estava almoçando junta, portanto teriam poucos técnicos circulando. Dois de técnicos levantam e vão em direção à confusão que adentrava. Mãe arrastando o filho com a ajuda de vizinhos. "Eu não agüento mais", dizia ela. Já na sala, a contragosto, ele consegue aceitar ficar sentado enquanto os vizinhos aceitam a recomendação de que podem soltá-lo. Irritado, diz que não é maluco, não tem nada a fazer aqui, seu lugar é ao lado de Jesus e que os outros não entendem sua missão.

O primeiro atendimento individual da tarde é de uma moça que chegara ao CAPS com um papel de um médico cardiologista escrito Síndrome do Pânico, já tendo indicado doses de ansiolítico e encaminhando para a psiquiatria, do CAPS. Quando chegou, há cinco semanas, ela chorava bastante, não saía de casa sozinha e nem ficava em casa sem ninguém à noite. Conseguia cuidar do filho de cinco anos e trabalhava com vendas na companhia de uma amiga. Dizia que tinha medo e seu marido confirmava dois episódios de medo intenso. Depois de cinco semanas de atendimento, sem nenhuma medicação, tendo vindo sozinha ao serviço, ela agradece o tratamento, aperta minha mão enquanto me dá notícias que já iniciou os atendimentos com a psicóloga do ambulatório para a qual eu a tinha encaminhado. Deixo o CAPS à sua disposição para quando precisar, e ela me deseja bom trabalho.

O segundo atendimento da tarde é em equipe e em família. A psiquiatra, a técnica de referência (eu), o psicólogo, a esposa e Osvaldo. Ele está com muita raiva, afirma e reafirma que vai à justiça. Porque? "Fui discriminado na escola". Ele estava em casa vendo o Jornal Nacional, na propaganda do governo-para-todos a musiquinha, ele canta: "Pra aprender a ler, pra isso não tem hora, pode ser de dia, pode ser de noite, pode ser agora". É isso e é agora! Ele telefona para o número indicado na telinha e recebe a indicação da escola mais perto de sua residência. Na manhã seguinte chega a um Ciep. Na secretaria informam que ele deverá fazer uma prova para verificar em qual série será incluído. Pode ser agora. Ele faz a prova, tem dificuldade com as contas. Enquanto corrigem sua prova, vem a diretora com o papel para inscrição, pede comprovante de residência e seu documento de identidade. Ele fornece: a conta de luz, a carteira de identidade e o receituário com a descrição do seu esquema medicamentoso. Pronto. Já não pode ser agora. "Não tem vaga". Ele nos pergunta insistentemente se não foi discriminado. Concordamos. Mas porque apresentar o receituário como identidade? Foi um longo atendimento.

Volto à sala dos técnicos para relatar no prontuário um encaminhamento bem encaminhado; aquele primeiro atendimento da tarde. Sentada na mesa, mal começo a frase e entra na sala duas agentes comunitárias, com suas camisetas cor de laranja, suas pastas nas mãos e suas caras de eterna interrogação. Lembro de todo o percurso que o serviço tem com as equipes de PACS e penso que este semblante de quase desespero nunca vai

ser diluído. Penso em toda a expectativa da união de forças entre a saúde mental e a atenção básica. Lembro do pedido deles de "treinamento" em psiquiatria, queriam saber os sinais da loucura.

Lembro ainda de um agente comunitário que cuidava de uma família: a mãe cega e idosa com um filho "neurológico" entredado na cama deste seu nascimento há quinze anos, um filho mais velho que faz bicos na construção de casas e um outro filho que é amigo de infância deste agente. Ele cuida da família: agencia os atendimentos oftalmológicos da mãe idosa, fisioterapia do filho na cama, clínico para o homem trabalhador. Seu amigo de infância é um sujeito que tem pelo menos duas internações psiquiátricas por ano no decorrer dos últimos vinte anos. O agente não o trouxe a nós. Foi uma vizinha que trata a irmã no CAPS que o convidou a vir ao serviço. O agente não havia percebido os sinais da loucura? Talvez não em seu amigo.

Convido as agentes para sentarem na grande mesa oval. Ofereço um café. Elas querem conversar sobre uns casos.

Uma mulher cata lixo na rua. Entope os poucos cômodos de sua casa humilde com todo o tipo de coisa que encontra. As pessoas da vizinhança querem chamar a defesa civil, não agüentam mais tanta sujeira e atribuem a existência de proles infundáveis de roedores na comunidade àquela mulher. Ela mora sozinha. Reza a lenda que teve um filho e que teria um irmão em Minas, mas ninguém sabe ao certo. Ela não deixa as meninas do PACS entrar em sua casa. Fecha o pedaço de tábua que funciona como porta e grita palavrões. É tudo o que se sabe. Decidimos fazer uma visita juntas a essa mulher. Certifico-me de que sua casa é bem perto e que não implica entrar na comunidade que nem sempre é receptiva a pessoas desconhecidas, mesmo quando acompanhadas pelos agentes de saúde. Procuo na agenda um tempo...

Para esta semana, eu já tinha marcado visita a uma clínica conveniada (das piores!) para acompanhar dois pacientes nossos que estão internados. Uma que já estava no serviço há seis meses, mas começou a se contorcer e a realizar traços nas paredes seguindo os passos de seu irmão pela vida com rumo determinado à morte e outros traços que desenhavam seus amores interrompidos por macumbas femininas. Sua situação ficou insustentável para a família durante a noite e nos fins de semana, foi internada pelo irmão. O outro paciente, em suas andanças intermináveis pelas ruas da cidade, não via os carros nas pistas, fome não sentia, além do que todo alimento continha veneno para matá-lo. Uma vez nos disse que tinha umas pessoas que queriam sua morte e por isso ele precisava correr. No CAPS não podia ficar, pois eles o encontrariam. Nós o internamos.

Encontro na agenda uma tarde disponível para daqui a quinze dias. Marcado a visita conjunta da saúde mental e da saúde da família para a mulher que guarda lixo.

Outro caso que as agentes comunitárias querem conversar é assunto antigo. Chama-se Sandra. Uma senhora de meia idade que aparece no serviço quando quer, senta no sofá da sala e esbraveja uma série longa de palavrões, intercalada por alguns nomes, com os braços mexendo bravamente; ela não se acalma até que termine de contar, a seu modo, a história de algum aborrecimento. Nosso administrador sempre lhe oferece um cafezinho com altas doses de açúcar. Ela sempre lhe dá um sorriso. Só ele ganha sorrisos de Sandra! Em geral, fica um tempo conosco, depois se despede e continua sua trajetória pelo bairro em busca de doativos. A noite está sempre em casa. Conhecemos sua sobrinha, que mora no mesmo terreno e que repetidas vezes nos pediu para dar remédio pra Sandra. As agentes comunitárias reclamam que não agüentam mais a sobrinha se queixando e contam que sabem que ela tem posto calmantes na comida de Sandra. A equipe do CAPS teria oferecido um medicamento para situações específicas, mas com o abuso da sobrinha não mais fornecemos. Entre a cruz e a caldeirinha. Combino com as agentes que vamos tentar novamente trazer essa sobrinha para as reuniões de família. A novidade é que a irmã de Sandra está morando mais perto e tem mantido um certo contato. Mais uma para convidar.

Vou à cozinha buscar um copo d'água, com a intenção de me hidratar para finalmente relatar naquele prontuário (aquele primeiro, o do encaminhamento). Vejo a sala com rostos novos, confirmando a tendência de que segunda-feira é um dia em que as pessoas buscam ajuda na saúde. No trajeto de volta rumo à sala da equipe, uma enfermeira me conta que estava começando um atendimento quando chega uma senhora do Conselho Distrital de Saúde com três pessoas para o acolhimento. Ela pergunta se eu poderia receber esta senhora, mesmo não sendo o meu turno de estar disponível para o acolhimento, pois ela não daria conta.

Enquanto procuro os papéis para realizar o acolhimento penso: três? Me lembrando de uma vez, bem no início do serviço, em que chegou uma mãe com os filhos para acolhimento. Eram três filhos autistas. A fala final do psiquiatra ressoava no ar: "só em Inhoaíba!"

Tenho saudade dos grupos de recepção! Resolvo realizar os três acolhimentos juntos. Ponho na sala do refeitório, distribuídos em volta da mesa, a senhora com os três homens que ela trazia. A auxiliar de enfermagem que iria fazer o grupo comigo entra na sala para dizer que vai demorar um pouco, surgiu uma situação que ela terá de resolver. Me conformo, realizarei o trabalho sozinha e penso se vou dar conta, não sei quais as situações que vão surgir, não tenho a mínima idéia... além de estarmos pra lá do meio da tarde. Abandono o temor e mãos à obra.

Um jovem apressado, com uma certa má vontade em conversar sobre o que acontece com ele, acaba dizendo claramente, ao mesmo tempo em que mostra uma pilha de papéis tirados de um saco plástico de supermercado, que só veio pelo remédio. Tem crises convulsivas desde que sofreu um atropelamento. Os papéis são várias receitas médicas, gadernal, tegretol, eventualmente um rivotril, assinadas por médicos de vários serviços de saúde no Espírito Santo. Estava no Rio há três semanas, sem medicação estava tendo duas crises por semana, insistia: "eu só quero o remédio". Tem levado sua vida, está prestes a se casar novamente, arrumou um novo trabalho, não quer crises. Decido encaminhá-lo ao neurologista e dar um jeitinho de fornecer sua medicação por tempo razoável até que seja atendido no outro serviço. Qual é o tempo razoável? Só uma

unidade de saúde da área tem neurologista. Qual será o tempo? Ainda por cima eu não poderia fornecer medicação de paciente que não é do serviço. E sem psiquiatra. E agora? Dá-se um jeito. Medicação para um mês e torcer para dar certo.

O segundo homem começa a falar e eu não entendo nada. Ele tem o rosto pendente para o lado esquerdo, algumas cicatrizes, um corpo grande, um semblante simpático. Há dez anos era motorista de caminhão quando bateu de frente com outro que levava soja. Muitos meses de hospital. Quase desenganado. Eu conseguia entendê-lo agora. Teve uma série de seqüelas e também tomava anticonvulsivante. Também só precisa do remédio. Diz que tem feitos uns bicos e conseguido algum dinheiro para ajudar o irmão com quem mora. Sobre o acidente, se diz conformado ao mesmo tempo em que conta que naquele dia ele havia dirigido o dia inteiro e tomado uns goles após o jantar na beira da estrada. E agora? Mais encaminhamento para o neurologista, mais remédio. Mais um jeitinho a ser dado.

A afirmação "eu só quero remédio" fica emparelhada na minha cabeça com o conto "eu só vim telefonar" de Gabriel Garcia Marques. Por um momento tenho dúvidas.

O terceiro homem é ainda mais simpático. Tinha ficado me olhando o tempo todo sem dizer uma palavra. Às vezes ria silenciosamente. "Ele é bobo", dizia a mulher do conselho distrital, "sempre foi assim, mas é muito bonzinho". Ele era um agregado de sua família, seu marido estava dedicado a ensiná-lo a ler, uma vontade que ele manifestara como pedido de presente de seu aniversário de quarenta anos. Não tinha nenhuma alteração de comportamento, tinha alguns amigos com quem fabricava pipas, estava triste com a morte de um cavalo do qual cuidava e me dizia que está namorando uma moça muito bonita, "muito beijo na boca", contava com sorriso largo denunciando que nunca tratou dos dentes. Também nunca havia ido ao médico. Nenhum, nunca. Sugiro uma consulta com um clínico, só por via das dúvidas, fornecendo o papel apropriado. Digo a ele que quando quiser conversar sobre qualquer assunto ou quando tiver alguma dificuldade na vida, que venha ao serviço e lhe daremos atenção. As portas estão abertas.

Ao final do grupo de acolhimento (que matou um pouquinho da minha saudade dos grupos de recepção) a mulher do conselho distrital de saúde conta que seu trabalho é ir as reuniões no conselho votando de acordo com o que sugere o representante da associação de moradores e o cara do hospital, porque afinal "são eles que entendem deste negócio de política". Mas que sua tarefa principal é buscar em sua comunidade pessoas que estivessem precisando de atendimento em saúde e acompanhá-las, como estava fazendo hoje. Dizia que tinha gostado muito do atendimento, que tinha "aprendido muito" (embora eu não tenha ensinado nada) e que entendeu agora qual era o nosso trabalho ali, que realmente a neurologia é outra coisa e que os seus amigos não precisavam de tratamento naquele local. De saída, aproveito para dizer que ela também entende de política e que talvez possa dar o seu voto em função do que percebe que sua comunidade precisa, estando ou não em acordo com os homens que entendem de política. Ela olha pra mim com espanto e pergunta: "a senhora acha mesmo?" Digo que sim, sem ter clareza em relação ao que ela quer se certificar, se enquanto mulher ela pode entender de política ou se pode opinar ou se pode ir contra os tais homens (que, além de homens, são o poder local; no caso do representante da associação de moradores, trata-se também da pessoa que faz uma certa mediação entre a comunidade e a (não) organização do tráfico de drogas). Enfim, penso que aquela mulher empoderada seria um ganho enorme para ela e sua comunidade, e conseqüentemente para os serviços de saúde. Trocamos apertos de mão e lhe digo para continuar trazendo ao serviço pessoas que ela considera que precisam de cuidado, que a estamos aguardando.

São três relatos de atendimento para escrever. Ao longo do grupo só consegui anotar as informações básicas de cada um e alguns rabiscos/palavras/setas que desenhavam um pouco as histórias de vida. Já havia feito e entregado dois encaminhamentos e um convite de venha quando quiser, as portas estão abertas. E os três relatos? Na sala, vejo dois pacientes me esperando...

Um jovem rapaz que acompanho já há algum tempo. Um atendimento de pouco tempo. Notícias de vozes que já não ordenam mais, apenas emitem opiniões. Um novo namoro começando e uma mãe que o deixa feliz por vir eventualmente à reunião com outros familiares. "Será que ela fala de mim?" Ele fala da nova namorada e conta que recentemente disse a ela que frequenta o CAPS. Diz que teve que explicar que não se tratava de psiquiatria, mas de um lugar onde buscara ajuda quando teve um momento confuso. Explicou que não precisa mais e que só continua porque gosta de conversar com sua psicóloga. Ele pergunta se pode trazer a nova namorada para conhecer o CAPS. As portas estão sempre abertas.

A outra paciente que me esperava deixou um recado com a enfermeira sua amiga anunciando que volta na quarta-feira, pois estava tarde e tinha de buscar o filho na escola. E meus relatos em prontuário ficam para a próxima.

No fim do dia, caminhando em direção ao portão para ir embora, quero mostrar para a colega psiquiatra o abacateiro que havia sido plantado hoje, na parte da frente do terreno. Encontro a planta e a exibição. Lembro que, ao plantar a muda de abacateiro, eles insistiram em enterrar mais da metade da muda na terra, bastante além do eu achava necessário cobrir sobre a semente de origem. Para eles era preciso enterrar a metade da muda, boa parte do jovem tronco para dar sustentação, para que ela ficasse realmente firme, para que não caísse. Eles exigiam garantias de firmeza da terra, como que fazendo a parte deles para que a planta tivesse apoio em seu desenvolvimento.

Na saída, brincamos em diálogos de palavras inspiradas no vocabulário único deste CAPS, pedindo *por gentileza* e nos manifestando *agradecidos*. De vez em quando alguém exclamava um *pelas barbas do profeta*. Um clima em que *gentileza gera gentileza*.